

APRENDER A FAZER: CONTRIBUIÇÃO DA MONITORIA PARA A PRÁTICA DOCENTE

Maysa Peres Arruda
maysa_peresarruda@hotmail.com

Ana Abadia Rabelo Nazareth Primo
ana.abadia12@hotmail.com

Thayse Batista dos Santos
thayse1709@hotmail.com

RESUMO: Este relato tem como objetivo expor a experiência obtida por licenciandas bolsistas por meio do Subprojeto *Letramento* vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do curso de Letras da UEG/UnU de Jussara, realizado no Colégio Estadual Jandira Ponciano dos Passos com alunos da segunda fase do Ensino Fundamental. O subprojeto tem a finalidade de incentivar a prática docente e ampliar os conhecimentos das licenciandas em relação ao letramento, beneficiando também os alunos da escola campo a respeito da importância do uso da escrita e da leitura em suas práticas sociais. Para atingir os objetivos propostos são realizadas monitorias a partir do acompanhamento do professor titular em sala de aula e atendimento individual aos alunos na resolução de exercícios. Também são realizadas oficinas a fim de proporcionar momentos lúdicos de aprendizagem com foco no uso social dos gêneros textuais. O subprojeto contempla ainda formação continuada com os professores e funcionários da escola, no intuito de proporcionar momentos de reflexão e expor sugestões variadas para se trabalhar na perspectiva do Letramento em qualquer disciplina. Para auxiliar o professor supervisor também se prepara material didático proporcionando o contato das professoras licenciandas com a prática diária do docente. Para embasar as atividades do subprojeto ocorrem semanalmente na Unidade Universitária os grupos de estudos sobre o tema. Neste relato será abordado de forma mais ampla as monitorias realizadas na escola campo, de agosto de 2012 a junho de 2013 nas turmas de 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental, sob a supervisão do Professor da Educação Básica partícipe do subprojeto. A ação de monitoria aqui é entendida como ato de observar e colaborar com o professor titular. Serão utilizadas como base teórica Kleiman (1995), Ribeiro (2004), Soares (2006), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Monitoria. Letramento. Prática Docente.

Introdução

No Brasil, desde o período colonial, era grande a parcela da população que não sabia ler e escrever, se tornando um problema de ordem política, social, cultural e econômica. Os censos realizados nessa época se preocupavam em identificar o número de

pessoas alfabetizadas, no entanto, a forma de avaliação não era rigorosa; bastava apenas saber assinar o nome. Já por volta de 1950 o critério passou a se basear na escrita de um bilhete simples.

Apresentando-se como uma espécie de reação ao crescente problema de analfabetismo, a necessidade de ensinar e aprender as primeiras letras e correspondente instrução primária é relativamente recente em nosso país. E em sua gradativa disseminação foi gerando resultados, cuja visibilidade só se acentuou mais recentemente, evidenciando uma nova necessidade que fez ressurgir a palavra “letramento” e “letrado” (MORTATTI, 2004, p.40).

Antes, o problema existente consistia somente no estado ou condição de analfabeto, mas recentemente surgiu uma nova realidade, nasce à necessidade de ir além, saber ler e escrever já não era mais suficiente. Nesse contexto, surgiu o termo letramento, derivado da palavra *literacy* que diz respeito à condição de dominar de forma eficaz a leitura e a escrita e suas práticas sociais, trazendo implicitamente a ideia do resultado adquirido pelo domínio dessas habilidades, alcançando aspectos políticos, econômicos, cognitivos, linguísticos, atingindo assim, tanto o indivíduo quanto o meio em que ele está inserido. Nesse aspecto, um indivíduo, apesar de não ser alfabetizado, pode ser de certa forma letrado, já que faz uso da escrita em sociedade, assim como uma criança analfabeta que, ao simular que está lendo, escrevendo ou em contato com histórias e cercada de material escrito, entende a sua utilização, apesar de não ser alfabetizada, já está introduzida no contexto do letramento.

Segundo Magda Soares (2006) o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a dominar a leitura e escrita veiculada no contexto social, para que o indivíduo possa ser alfabetizado ao mesmo tempo em que se torna letrado.

Sabendo da importância do indivíduo ser letrado, este subprojeto busca analisar o letramento como condição indispensável não só para o uso da leitura e da escrita no meio escolar, mas também para contextos não escolares.

Os projetos do PIBID de acordo com a CAPES (2012, p.01) “[...] devem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas [...] para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola”. Pensando nisso, o subprojeto Letramento visa proporcionar aos acadêmicos um contato com o cotidiano de uma sala de aula, que é um procedimento de aprendizagem imprescindível a um profissional que deseja estar apto para confrontar-se com os desafios da carreira de *Professor*. O subprojeto tem como intenção complementar a formação acadêmica dos estudantes possibilitando uma assimilação entre teoria e prática,

pois se sabe que os cursos de formação de professores precisam dialogar com essas duas vertentes.

Além disso, visa ampliar os conhecimentos das Professoras Licenciandas em relação ao letramento; contribuir com a ampliação do letramento dos alunos da escola campo, melhorando assim, a qualidade do processo ensino-aprendizagem e os resultados das avaliações internas e externas da instituição de ensino parceira do projeto.

Durante o período em que está desenvolvendo o projeto ocorrem, semanalmente, às terças-feiras, discussões em grupos de estudos na Unidade Universitária de Jussara, organizado e direcionando pela Professora Coordenadora de Área, onde estão sendo socializados e debatidos livros sobre letramento, afim de que haja a máxima exploração dos conteúdos lidos, tendo em vista a aquisição de maior base teórica sobre o tema. Durante esses encontros há também orientações para as monitorias em sala de aula, na escola campo, e socialização das atividades realizadas no decorrer da semana.

Desenvolvimento

Um dos objetivos do projeto é a realização de monitoria em sala de aula, aqui entendida como observação e colaboração ao professor titular. As atividades de monitoria em sala de aula foram realizadas, diretamente, sob a supervisão de um professor especialista¹ com a colaboração de outros professores de Língua Portuguesa da Unidade Escolar que também recebem, em alguns momentos, Professoras Licenciandas Bolsistas em suas salas de aula.

As atividades de monitoria são o objeto central deste relato de experiência. Nesta atividade foi possível identificar as dificuldades dos alunos em relação ao conteúdo, auxiliá-los na resolução dos exercícios propostos e observar a forma com que o professor regente ministra suas aulas, com a finalidade de adquirir conhecimentos e metodologia de ensino perante a realidade da escola pública.

¹ Professor Cloves da Silva Júnior, graduado e especialista em Língua Portuguesa, professor efetivo da Secretaria de Estado da Educação de Goiás, lotado no Colégio Estadual Jandira Ponciando dos Passos.

Para Baraúna (2001 *apud* SCHNEIDER, 2004), o trabalho do monitor² tende a promover e instigar o aluno por meio de constante acompanhamento e assessoria, garantindo a eficácia no processo ensino-aprendizagem.

A monitoria em sala de aula, ou seja, atuar como professor auxiliar é uma atividade formidável, pois é através desta que se consegue analisar como realmente funciona uma sala, como os alunos se comportam e como o professor põe todo seu conhecimento em prática, proporcionando um ensino de qualidade para seus alunos.

Pôde-se observar durante a realização dessa atividade que há alunos, principalmente do 6º ano do Ensino Fundamental, com dificuldades na interpretação de enunciados, não respondem corretamente as questões propostas pelo professor devido à falta de entendimento. E sabe-se que não é possível para o professor acompanhar todos os alunos individualmente sempre que necessário, pois os alunos têm conhecimentos heterogêneos.

Dessa forma, após a explicação do professor, as Professoras Licenciandas procuram ajudar aqueles alunos que demonstram maior dificuldade. Inicialmente, alguns alunos da escola campo se mostraram resistentes em relação às monitoras, essa questão foi assunto das reflexões realizadas na UnU de Jussara, tentando assim uma forma para que essa situação fosse transformada, pois como afirma Maldaner (2000, p.13) “[...] não se pode esperar que os resultados aconteçam espontaneamente”.

As Professoras Licenciandas por meio de conversas com os alunos durante a resolução de exercícios, mostrando que sua função naquele ambiente escolar era/é principalmente auxiliá-los e que eles poderiam solicitar-lhes ajuda sempre que necessário, assim, foi possível adquirir a confiança deles e atuar mais ativamente na prática docente, seja individual ou em pequenos grupos durante as atividades.

No auxílio aos alunos, sempre que possível, as Professoras Licenciandas buscam utilizar o conhecimento obtido nos grupos de estudos acerca do letramento, fazendo com que eles (alunos) possam relacionar o conteúdo estudado com as práticas sociais realizadas fora da sala de aula, geralmente, essa situação ocorre com conteúdos relacionados aos gêneros textuais.

Nessas ocasiões de monitorias também foi possível perceber a função do professor enquanto mediador do conhecimento, pois através da observação do professor supervisor

² No caso deste subprojeto a atividade de monitoria foi realizada pelas Professoras Licenciandas Bolsistas ao Professor Supervisor da Escola de Educação Básica, parceira do Subprojeto.

percebe-se que seu trabalho é realizado de forma com que os discentes adquiram saberes escolares vinculados com a vida em sociedade, proporcionando a oportunidade aos alunos de adquirirem senso crítico.

O educador age como uma ponte entre a informação e o aluno, instigando o mesmo a refletir e questionar por si só, não como um mero receptor, mas como sujeito ativo na sociedade.

Através do Subprojeto foi possível participar da correção da Avaliação Diagnóstica preparada e aplicada pela Secretaria de Estado da Educação de Goiás, através da Subsecretaria Regional de Educação de Jussara. Outro aspecto importante foi analisar as referidas provas para identificar o que se avalia em termos de leitura.

O conceito de avaliação diagnóstica não recebe uma definição uniforme de todos os especialistas. No entanto pode-se, de maneira geral, entendê-la como uma ação avaliativa realizada no início de um processo de aprendizagem, que tem a função de obter informações sobre os conhecimentos, aptidões e competências dos estudantes com vista à organização dos processos de ensino e aprendizagem de acordo com as situações identificadas (CAED/UFJF, 2012).

Essas provas são elaboradas pela equipe da Secretaria da Educação a partir de descritores da Matriz de Referência do Ministério da Educação e visam identificar o desenvolvimento dos alunos em diversas habilidades que são contempladas nos descritores que compõe a referida matriz.

Assim, as provas possuem descritores que dizem respeito não somente ao conteúdo e a materialidade linguísticas dos textos, mas também as situações em que os textos foram criados, sendo este o ponto em que os alunos apresentaram maiores problemas, pois possuem dificuldade em compreender um texto, isto é, acionar o conhecimento de mundo para relacioná-lo e intertextualizá-lo. Para isso, não basta ser alfabetizado, ou seja, conhecer o alfabeto e decodificar letras em sons de fala é necessário ser letrado, isto é, interpretar e fazer uso de textos do seu cotidiano.

As Professoras Licenciandas participaram também de situações cotidianas da realidade de um docente, tais como a semana de formação continuada de professores, onde foi apresentado o Currículo Referência do Estado de Goiás. Além disso, as acadêmicas participantes do Pibid, também se fizeram presentes nos trabalhos coletivos que aconteceram na escola-campo “Colégio Estadual Jandira Ponciano dos Passos”. Nessa ocasião foram discutidos assuntos pertinentes aos resultados da Prova Diagnóstica, como sugestões para

sanar os problemas de aprendizagem e as possíveis metodologias utilizadas, além da participação no planejamento de aulas de Língua Portuguesa.

O professor supervisor durante suas aulas fez socialização das provas com os alunos, trabalhando as questões de Língua Portuguesa para observar qual direcionamento os alunos tomaram para interpretar as questões e resolvê-las. Pode-se perceber que grande parte dos alunos erra por falta de atenção, não leem a questão com cautela e marcam a alternativa errada.

Nessas socializações também são abordados temas que os alunos convivem diariamente como drogas, sustentabilidade, distúrbios alimentares, entre outros, com o intuito não somente de ensiná-los aos alunos, mas também de formar cidadãos conscientes, críticos, mas também letrados.

Sem dúvida, o professor além de serem educador e transmissor de conhecimento, deve atuar, ao mesmo tempo, como mediador. Ou seja, o professor deve se colocar como ponte entre o estudante e o conhecimento para que, dessa forma, o aluno aprenda a “pensar” e a questionar por si mesmo e não mais receba passivamente as informações como se fosse um depósito do educador (BULGRAEN, 2010, p.31).

Agindo dessa forma, o professor possibilita aos alunos a formação crítica ao socializar as provas em sala de aula, e não fazendo uma simples correção, mas dando aos alunos uma forma de se expressarem, e por meio da mediação feita pelo professor eles vão formando sua opinião e conseguem fazer uma interpretação correta da questão analisada, após entendê-la.

Ao trabalhar com gêneros textuais em sala, o professor também faz uso dessa mediação. Após a leitura dos gêneros, sempre é feita a discussão levantando tanto questões sobre a estrutura de cada gênero como também a interpretação de cada leitura. Nesse sentido,

[...] deixa-se de esperar das crianças a postura de ouvinte valorizando-se sua ação e sua expressão. Possibilitar à criança situações em que ela possa agir e ouvi-la expressar suas elaborações passam a serem princípios básicos da atuação do professor (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 110).

Então, o fato de o professor enxergar o aluno não só como um ouvinte, indagando-o e dando espaço para a sua fala faz com que aconteça uma aprendizagem ativa e crítica.

Sendo assim, o professor utiliza do método de andaimagem, tendo matéria prima os recursos paralinguísticos e o componente segmental dos enunciados, onde ele serve como suporte auxiliando o aluno visível ou audivelmente a extrair informações de um texto,

podendo ocorrer à interdisciplinaridade, ou seja, em um único texto o educador consegue trabalhar com múltiplas disciplinas.

Um trabalho de andaimagem pode tomar forma de um prefácio a uma pergunta, de sobreposição da fala do professor á do aprendiz, auxiliando-o na elaboração de seu enunciado, de sinais de retorno (*hackchanneling*), comentários, reformulações, reelaboraões e paráfrases e, principalmente, expansão do turno de fala do aluno. Todas essas estratégias dão a ele a oportunidade de “reconceitualizar” o seu pensamento original, seja na dimensão cognitiva seja na dimensão formal (BORTONI-RICARDO, 2010, p.27-28).

Em sala de aula, durante as monitorias na escola-campo, pode-se perceber na prática do professor como de fato acontecem os protocolos de leitura, e o quanto isso aumenta significativamente a participação dos alunos, pois se cria um ambiente propenso à troca de informações coletivas entre discente e docente.

Além disso, é possível aprender como trabalhar conteúdos que muitas vezes são ignorados pelos alunos, como a gramática, pois sabe-se que ensinar gramática não é uma tarefa fácil para o professor, pois os alunos não entendem o motivo de aprender tal conteúdo. Outra barreira enfrentada é a necessidade de ensiná-la sem desvalorizar as variedades linguísticas tragas pelo aluno, de seu cotidiano, e inseridas na sala de aula. Para conseguir a atenção do aluno para a explicação desse conteúdo é necessário uma atitude diferente, não se prendendo somente a gramática normativa. Como afirma Antunes (2003):

[...] enquanto o professor de Português fica apenas analisando se o sujeito é “determinado” ou “indeterminado”, por exemplo, os alunos ficam privados de tomar consciência de que ou eles se determinam a assumir o destino de suas vidas, ou acabam todos, na verdade, “sujeitos inexistentes”, persistindo-se, assim, o quadro desolador do insucesso no que tange à deficiência linguística do educando, que se reflete, na maioria das vezes, em outras disciplinas (ANTUNES, 2003, p.17).

É necessário mostrar sentido em aprender tal assunto, não ensinar algo de maneira descontextualizada. O professor supervisor exige muita leitura de seus alunos para que assim “conheçam” a língua sem precisar ficar decorando regras e ainda no momento de sua explicação dá exemplos de situações reais para que eles assimilem melhor o ensinado.

Conclusão

Nesse período de monitoria o importante não é somente o auxílio aos alunos na realização de atividades, mas também a observação da postura do professor, como ele age

durante a explicação para fazer com que os alunos assimilem o conteúdo, isso é um suporte para a atuação do futuro professor em sala de aula. Outro aspecto importante são as reflexões sobre a prática docente, a gestão de sala de aula, o material didático-pedagógico utilizado, a escolha da metodologia, os recursos e especialmente a transposição didática.

Até o momento com a realização do projeto, foi possível notar alguns resultados positivos, tanto para os alunos da escola campo quanto para as Professoras Licenciandas Bolsistas sendo, maior conhecimento sobre o tema letramento; conciliação de teoria e prática por parte das acadêmicas, já que na maioria das vezes o que é estudado nas reuniões, semanalmente, está sendo possível aplicar na escola campo; ampliação dos conhecimentos dos alunos e equipe escolar sobre o tema Letramento. Outro aspecto importante é a aprendizagem e troca de experiência entre profissionais da Universidade com profissionais da Educação Básica. Assim, está sendo possível participar, aprender, interagir, ampliar conhecimentos e criar laços profissionais e de amizade no meio profissional: já nos sentimos professoras!

Agradecimento

Agradeço ao fomento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID da CAPES, pela bolsa.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: Encontro & Interação*. 2ª ed., Parábola, 2003.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *A mediação do professor na compreensão leitora*. São Paulo: Contexto, 2010.

BULGRAEN, Vanessa Cristina. *O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento*. Capivari: Revista conteúdo, 2010.

CAED, Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação/UFJF. *Avaliação Diagnóstica*. Disponível em: <<http://www.portalavaliacao.caedfjf.net/pagina-exemplo/tipos-de-avaliacao/avaliacao-diagnostica/>>. Acesso em: 06/04/2013.

CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *PIBID*. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespid/>>. Acesso em: 01/06/13.

Universidade Estadual de Goiás
Coordenação Institucional do PIBID / Pró-Reitoria de Graduação
Anais do I Encontro do Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência (PIBID)
6 e 7 de junho de 2013

FONTANA, R.; CRUZ, N. *Psicologia e trabalho pedagógico*. 1. ed. São Paulo: Atual, 1997.

MALDANER, O. A. *A formação inicial e continuada de professores de química professor/pesquisador*. Ijuí: Unijuí, 2000.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Educação e letramento*. São Paulo: UNESP, 2004.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SCHNEIDER, M.S.P.S. *Monitoria: instrumento para trabalhar com a diversidade de conhecimento em sala de aula*. Revista Eletrônica Espaço Acadêmico, 2006.

SCHNEIDER, M.S.P.S (2007). *Monitoria e colaboração: criação de um espaço de desenvolvimento*. Artigo apresentado para o Exame de Qualificação de Artigo em Área Complementar, como requisito para a obtenção do título de Doutora – LAEL-PUC/SP.